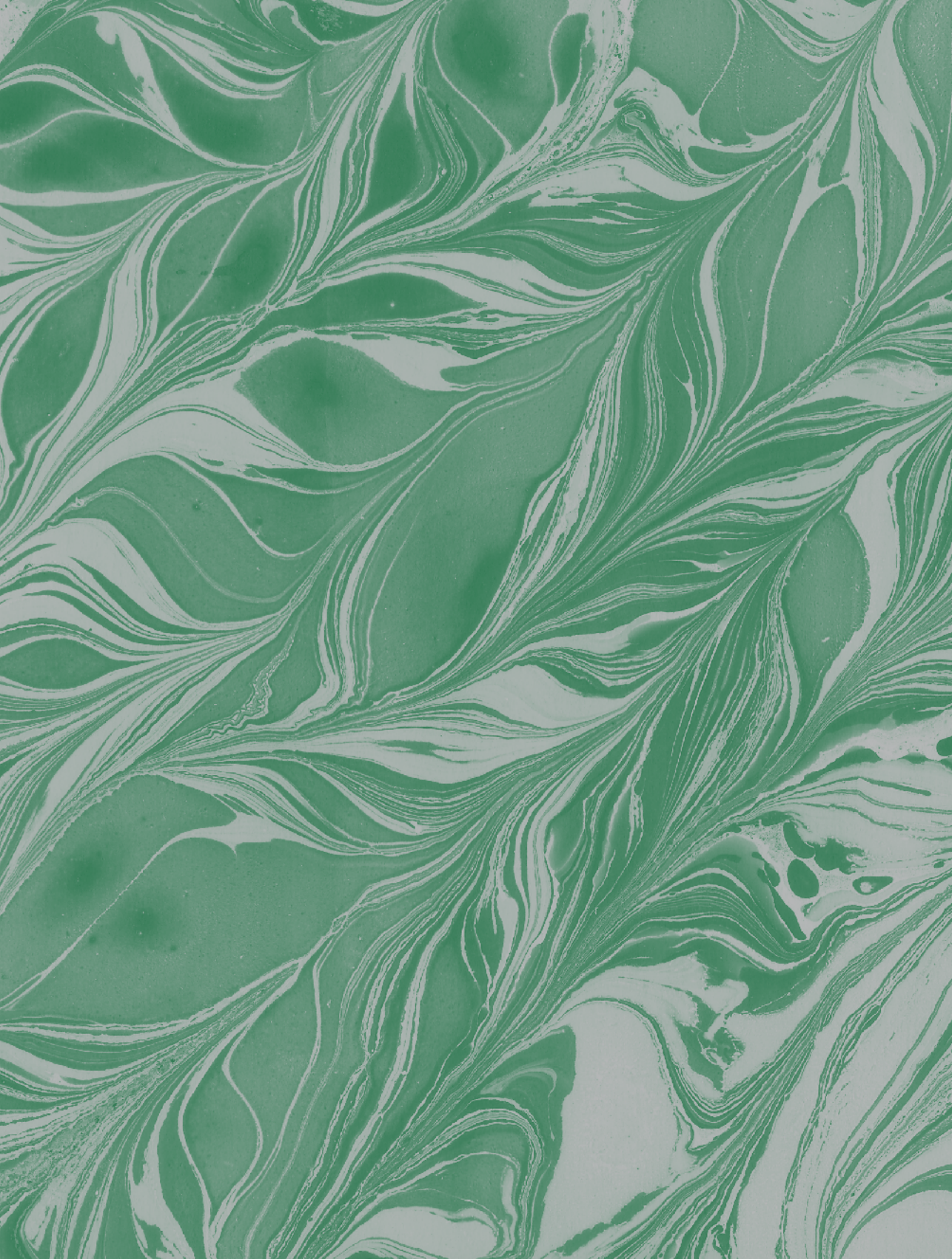


700×7





700x7

700x7

P.PORTO

**ESCOLA
SUPERIOR
DE MEDIA
ARTES
E DESIGN**



Vila do Conde
Câmara Municipal

O projeto 700x7 nasce a partir da comunhão de interesses entre a ESMAD e o Município de Vila do Conde. Ambas as entidades partilham a convicção da importância da aproximação entre o ensino superior e a realidade da comunidade envolvente assim como o valor acrescentado que decorre do desenvolvimento de mecanismos de cooperação que possibilitem a promoção e desenvolvimento de projetos comuns.

Em particular, o interesse mútuo na realização de projetos educativos, culturais e artísticos que promovam e valorizem o património da cidade, possibilitou que, no ano de celebração dos 700 anos do Mosteiro de Santa Clara, se tenha concretizado a obra que se apresenta.

A ideia inicial do projeto partiu de pressupostos bem definidos à partida: o Mosteiro seria o objeto de trabalho de sete fotógrafos; o grupo de autores seria composto por fotógrafos docentes da ESMAD e por fotógrafos residentes em Vila do Conde; cada autor teria total liberdade na abordagem que faria ao Mosteiro; o resultado do trabalho dos fotógrafos resultaria na publicação de um livro.

A Fotografia é transversal a vários cursos da ESMAD sendo uma das áreas fundamentais desta Escola. O facto da ESMAD poder contar com vários docentes da área, com percurso autoral significativo assegurou, desde logo, o interesse em desenvolver este projeto. Por parte dos fotógrafos de Vila do Conde que foram convidados a integrar o projeto, a resposta foi igualmente positiva levando assim à formação do grupo de autores que aqui se apresenta.

Temos, então, sete fotógrafos convidados a refletir sobre o Mosteiro de Santa Clara. Sete fotógrafos e outras tantas formas de olhar, sentir e mostrar um marco incontornável da cidade de Vila do Conde. Da multiplicidade e heterogeneidade de olhares resulta um Mosteiro que aqui é mostrado como documento, história, memória, romance, incógnita e, eventualmente, tudo o mais que o leitor quiser ver.

Luis Filipe Ribeiro

Coordenador da Área de Fotografia
da Escola Superior de Media Artes e Design
do Instituto Politécnico do Porto

- 9 Mosteiro de Santa Clara – uma
instituição com 700 anos
Maria Elisa Ferraz
- 11 A memória de 700x7
Olívia Marques da Silva
- 15 Mosteiro de Santa Clara de Vila
do Conde – 700 anos de história
Marta Miranda
- 21 PROJETOS
- 22 À Clara e aos Pássaros de Ferro
Ângela Ferreira
- 36 1993
Cesário Alves
- 46 Sem Título
João Leal
- 54 Janelas da vida
Joaquim Garrido
- 60 Um olhar documental
Joaquim Gomes
- 68 Copy, paste... decades later
Contributo para a análise da
paisagem urbana de Vila do Conde
tendo por referência o Mosteiro
de Santa Clara
José Pedro Martins
- 76 Sem Título
Sérgio Rolando
- 85 BIOGRAFIAS

Mosteiro de Santa Clara - uma instituição com 700 anos

A 7 de maio de 1318 fundava-se o Mosteiro de Santa Clara em Vila do Conde, mercê da vontade de Teresa Martins e Afonso Sanches e do patrocínio do rei D. Dinis.

Já não há memória direta das freiras de Santa Clara, mas o nosso concelho é herdeiro de um conjunto de conhecimentos e tradições criados e/ ou promovidos pelas irmãs clarissas que se incorporaram na cultura imaterial do património vila-condense e foram passados de geração em geração, chegando até à contemporaneidade.

O Mosteiro foi dotado com propriedades, rendas, legados e benfeitorias que, ao longo dos séculos, o tornaram uma instituição de grande poder económico: veja-se a obra do Aqueduto e dos Dormitórios Novos, por exemplo. Pela sua origem familiar, as monjas também tinham uma rede de conhecimentos que, nas mais diversas estâncias, defendiam e pugnavam pelos seus interesses.

O poder e influência das clarissas perpetuaram-se ao longo de quase seis séculos e só o Regime Liberal, com o seu decreto de extinção das Ordens Religiosas, pôs fim à instituição que encerraria após a morte da sua última monja, em Maio de 1893.

Haveria ainda, ao longo do século XX e parte do XXI, o Mosteiro de Santa Clara de acolher outras comunidades, como caso da Casa de Correção, a Escola Profissional de Santa Clara e, transitivamente, o Tribunal. Após a saída deste serviço, as suas instalações ficaram ao abandono, entregues à erosão e à mercê de ocupações indevidas.

Vila do Conde soube unir-se e travar a degradação do seu Mosteiro, sensibilizando

as competentes autoridades para uma intervenção de conservação do edifício e conduzindo, através da autoridade municipal, o processo de requalificação que permitiu o reconhecimento do interesse do tecido empresarial, que lhe vai conferir uma função e a fruição por parte da comunidade.

Foi para mim, enquanto autarca, um momento de particular felicidade pugnar pelos interesses deste edifício, conseguindo travar a sua ruína e proporcionar-lhe uma utilização partilhada com a população, devolvendo assim à comunidade o nosso Mosteiro de Santa Clara. Esta publicação, que patrocinamos, assume-se como um interessante contributo para a perpetuação, na memória, deste marco incontornável do património do nosso concelho.

Maria Elisa Ferraz
Presidente da Câmara Municipal
de Vila do Conde

A memória de 700×7

700×7 é a viagem sobre um lugar, o Mosteiro de Santa Clara, onde o tempo se arrasta numa duplicidade de sentimentos: resistência e destruição. A ocupação desse lugar foi mudando ao longo dos anos, originalmente foi a casa de freiras Franciscanas, posteriormente foi ocupado pelos Serviços do Tribunal e, mais tarde, residência de jovens rapazes que aprendiam um ofício. O olhar dos sete fotógrafos, neste espaço que o passado e o futuro tornaram intemporal, apropria-se do lugar e constrói, através das imagens, uma narrativa preenchida pela memória, pela história, e pela criação de passos e tempos distintos capazes de ler de outro modo o que se vê.

A fotografia e o documento fotográfico pretendem que o tempo se arraste num presente medido e multiplicado em momentos pré-definidos, um presente perpétuo que acompanhará a memória futura do lugar, onde a estética, a técnica e a contemplação dão corpo a frases visuais que alinham a narrativa na voz visual de cada um dos fotógrafos. Imagens identitárias, relacionais, onde o registo de memórias se mede pelos arquétipos de todos os homens e de todos os tempos; imagens que são também a história da fotografia a instalar-se no presente e que interferem no exercício da memória. Estas imagens em 700×7 interferem na fruição da nossa memória, viajam com o tempo, com o real, com os espaços, os símbolos, os sujeitos e anunciam o que as nossas expectativas sempre reclamam, mesmo que de tal não tenham consciência e apenas conheçam vendo. E nisto se multiplicam os símbolos as leis da associação

sobre a tomada de vista da realidade possível – realidade que a fotografia forja e não revela. O signo ganha, desta forma, um estatuto maior e a imagem fotográfica cria a inquietação: o jogo das sombras e da luz plena. Estas imagens, à deriva de todos os meta discursos, têm tanto de espontâneo como de erudito, falam de nós, falam deste Mosteiro que se quer diferente e dificilmente abordável através da sua cidade.

Estas imagens usam a vivacidade dos nossos destinos mal definidos, a procura constante, o olhar inquieto e revelador das ruínas sombrias do edifício, da fealdade dos muros onde crescem memórias, o movimento dos corpos que se diluem nos corredores das diversas alas do mosteiro, e das muitas histórias que se contam sobre os cantos e recantos interiores e exteriores do espaço. Estas imagens falam das histórias, dos medos e perdas e, essencialmente, da distância que nos apela a eternizar os espaços, os muros, as paredes, os corredores, as celas, as janelas gradeadas e o belo elefante branco do brasão do lugar.

Falam, ainda, sobre o imaginário que afaga, a contragosto, a tradição e o respeito pelas madeiras envelhecidas da sala contígua à cozinha, a maciez dos usos, e se demora sob as paredes de edifícios moribundos impregnados de velhas glórias – esses pequenos nadas que nos apaziguam e que Sérgio Rolando não negligenciou, atribuindo a cada facto, a cada gesto, a cada traço, a cada parte da parede lascada o seu lugar. Sérgio Rolando soube descobrir estes pequenos detalhes de um edifício que subsiste aos anos de abandono.

Ângela Ferreira, entre memórias fotográficas apropriadas através da colagem percebemos a essência da fotografia. Esta fotógrafa procura novas narrativas seguindo uma observação atenta e conhecedora do ato fotográfico recorrendo aos registos anónimos e usando as vantagens estéticas da imagem. Nas suas imagens, podemos conhecer o Mosteiro de Santa Clara com um outro olhar, talvez mais intimista, mais cúmplice e de um romantismo supervalorizado que nos parecia impossível captar. A fotografia pode permitir esta riqueza de interpretações e fertilizar novas formas de ver um lugar tornando as leituras e a construção de memórias metafóricas através da junção, da colagem e da cor.

Cesário Alves, transforma olhares num dispositivo encenado, aproximando a fotografia da representação teatral mais contemporânea, recorrendo a uma parte performativa evocativa de um tempo e um lugar. O fotógrafo torna fundamental captar os rostos, dentro da impressão dos vestígios identitários do lugar, como se de um só rosto e lugar se tratasse. Olhares mais ou menos tristes ou alegres, mas muito cientes do seu papel no ato de se deixar representar pelo fotógrafo. Esta dualidade entre fotógrafo e fotografado onde é difícil delinear fronteiras, em que cada imagem é uma síntese de sentimentos sobre uma história pessoal, refletem enquadramentos suspensos que aguardam pelo desenvolvimento da história de vida de cada um. A fotografia contribui para este suspense de forma clara. O fotógrafo explora a identidade de grupo que tende a deixar o caminho aberto para a identidade individual. A fotografia viu e vê a identidade como algo que é fragmentado e dinâmico, mais do que estático. Os registos individuais a preto e branco dos rostos dos rapazes que habitavam o Mosteiro de Santa Clara, em 1993, são olhares que procuram

individualmente deixar a singularidade de cada personalidade, seguindo o roteiro do pós-modernismo, no qual não é a semelhança que determina a identidade, mas a diferença, na construção de interpretações das muitas histórias sobre um lugar habitado por rapazes sem lar cuja perspetiva futura podia ser incerta numa sociedade fragmentada.

Joaquim Garrido permite ligar o seu trabalho à ideia da descoberta da fotografia no século XIX quando se igualava as primeiras imagens através de registos de janelas como observamos em Nicéphore Niepce, em Louis Daguerre, ou em William Fox Talbot. A fotografia representava uma nova abertura de *uma janela para o mundo* artístico e novo comparando com as outras artes como, por exemplo, a pintura. Aqui, em Joaquim Garrido, a janela transporta-nos igualmente para a importância destas aberturas do edifício para o exterior, dá-nos uma visão de futuro, explora a grandiosidade do lugar, compara a escala humana e o desenho das janelas que acompanham de forma permanente os passos nos longos corredores do Mosteiro de Santa Clara. A visão é ampla, quer para o interior quer para o exterior, através das janelas que permitem a luz entrar no edifício.

Joaquim Gomes compara os espaços, as simetrias e a luz dos espaços em recuperação. O fotógrafo centra-se num alinhamento de traços preenchidos pela incidência mais ou menos intensa da luz do exterior no interior do edifício. Uma visão otimista sobre a recuperação do lugar, numa procura incansável sobre o ponto mais favorável a um bom registo fotográfico. Explora a melhor composição e divaga ao longo dos corredores, das salas, das celas, do telhado e de uma oficina dos trabalhos de recuperação do telhado do Mosteiro de Santa Clara. Centra-se na valorização da recuperação possível e na eternização sem decisões de fundo.

João Leal, elimina da paisagem o edifício do Mosteiro de Santa Clara num ato puro de revolta à inércia que acompanha a recuperação do nosso património. O fotógrafo desafia as histórias mal contadas, os medos e as perdas que deixam crescer a distância entre o presente e o passado de um lugar. Que reação teríamos todos se ao olharmos do lado da Azurara para a cidade de Vila do Conde e deixássemos de poder contemplar um lugar que durante longos anos foi liderado por tão diferentes portadores de histórias. O fotógrafo usa a tecnologia digital da fotografia para nos chamar a atenção sobre futuros incertos através de intervenção artística.

João Leal investiga o desenvolvimento da história do Mosteiro de Santa Clara, de forma a influenciar as opiniões sobre o lugar, através das suas imagens. Aqui, a intenção é crucial e requer uma reflexão importante no papel da fotografia na cultura, particularmente, na cultura visual e no modo como as pessoas compreendem o *medium* fotográfico na contemporaneidade. Os fotógrafos escolhem os métodos e as técnicas para atingirem os seus objetivos e são influenciados pelo seu *background* e forma como veem o mundo. A intenção sobre o que é fotografado resulta do processo de interatividade entre a pessoa e a coisa observada, assim como a referência e o contexto em que se insere o próprio observador.

A fotografia acrescenta uma dimensão extra, auto consciente da verdadeira intervenção e experiência do lugar, partindo da imagem José Pedro Martins, através de duplas imagens recuperamos memórias passadas e um presente já passado que é uma das características da fotografia. Assim se referia Roland Barthes quando descreve na sua obra *Câmara Clara* que, por um lado, a fotografia tem sempre um referente presente, diferentemente da pintura, que é a forma de a aproximar inequivocamente do real e,

por outro lado, a colagem da fotografia a um passado, mesmo quando nos referimos a um registo fotográfico do agora que designa isto foi.

Esta dualidade observacional entre o que foi registado no passado e que a memória fotográfica não deixa apagar e o desafio de criar novas memórias fotográficas, no presente já passado, mostram aspetos fascinantes da fotografia documentalista da paisagem mais urbana, rural ou piscatória da cidade do Mosteiro de Santa Clara. O trabalho, apresentado por José Pedro Martins, flui sobre um documental fotográfico que evidência o visual, como documento, como testemunha sobre o quê e onde alguma coisa teve lugar.

Esta descrição coloca e promove as formas de representação e as qualidades de reflexão sobre o real fotográfico. Curiosamente, através desta forma de observação atenta sobre as mudanças da paisagem comprovam-se a relevância da fotografia documental. O lastro que acompanha a fotografia documental até à realidade coloca-a, por vezes, em dúvida sobre esta autonomia reflexiva da mesma, mas aqui comprovam-se que, apesar do lado fidedigno da representação da realidade, a fotografia nos leva a mais uma observação interpretativa da evolução paisagística da cidade centrando-se no Mosteiro.

Em suma, 700x7 pretende lançar de forma abrangente, reunindo fotógrafos amadores e profissionais, a importância interpretativa da grandeza estética e documental da fotografia e a sua dimensão artística, reconhecida como um dos universos criativos mais decisivos da nossa contemporaneidade.

A capacidade que a fotografia tem na criação de passados, desperta as possibilidades infinitas do nosso imaginário, criando uma sucessão temporal entre o passado, o presente e o futuro. Através

das imagens de 700x7, este movimento temporal e sucessivo tem o poder de afirmar simultaneamente pedaços de memória e de dar estrutura à narrativa fotográfica. A fotografia como preservação de memórias é, contudo, a própria memória. Ao respeitarmos este princípio, a fotografia configura o presente inesquecível e permite apropriar o real. 700x7 permite cada um recompor a sua relação (imaginária) com o espaço fotografado e refazer a ligação perdida, pela nostalgia deste espaço com a história da cidade de Vila do Conde. A memória é imprescindível para a reconstituição do passado e é um recurso fundamental para a compreensão da identidade e da história. A fotografia enquanto objeto de memória desdobra o acontecimento retratado, há como que um fluxo permanente entre o passado e o presente, na qual a fotografia nos aproxima, nos revela. O que a imagem comunica é parte de um conjunto de signos que precisam ser analisados e interpretados criticamente para a reconstrução dessa memória, e não se pode avaliar a importância da imagem se o indivíduo não a compreende no seu contexto histórico.

A Escola Superior de Media Artes e Design através da Unidade de Investigação em Media Artes e Design (uniMAD) deve também reforçar atividades e projetos de investigação e desenvolvimento (I&D) baseados na experiência (*practice based research*) em articulação com o tecido social ou artístico, tendo um corpo de trabalho prático consistente e relevante e que os investigadores procurem novos caminhos, através da promoção de publicações, portfólios, textos, que contribuam para o bom relacionamento entre a investigação e o meio envolvente, deixando de lado procedimentos ambíguos que dificultam o desenvolvimento da produção artística nas suas diversas vertentes contemporâneas, procurando

métodos e critérios mais direcionados para a pesquisa prática e abrangente à região.

A fotografia na contemporaneidade estabelece um diálogo fundamental para esta transformação mais dinâmica na leitura e interpretação dos arquivos fotográficos ou da produção de novas imagens recorrendo à construção da memória e da metáfora através da imagem fotográfica. Assim como, outros meios o cinema, o vídeo e outras plataformas digitais. A ideia de que a imagem pode funcionar como uma interface, uma fronteira que permite trocas e transversalidades múltiplas entre as imagens e as diferentes linguagens, é bastante interessante para pensar o modo como os arquivos não são apenas armazéns da memória, mas documentos com vida, que ultrapassam os próprios limites documentais, para serem absorvidos por diversos artistas e pelas instituições culturais e pela comunidade em geral. Como afirmara Bernardo Pinto de Almeida em *Imagem da Fotografia* (1995, p. 33), «a história da fotografia passaria sempre por ser uma história dos modos de arquivar.»

Olívia Marques da Silva

Presidente da Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto

Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde – 700 anos de história

Embora se enquadre na dita *petite histoire*, pese embora a sua validação em evidências documentais, a origem da fundação do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde remete para uma história de amor e para uma peregrinação a Santiago de Compostela.

A história de amor, acontecida no início do século XIII, teve como protagonistas o Rei D. Sancho I e D. Maria Pais Ribeira, *a Ribeirinha*. Esta ligação extramatrimonial do monarca traduziu-se numa doação das suas propriedades, *in perpetuum*, oficializada a 1 de julho de 1209. D. Sancho I entregava, então, à sua amada *pelas razões de conversação que com ela teve e depois da morte desta senhora, aos filhos e filhas que d'ella tinha a fim de a possuírem por direito hereditário e a todos os seus descendentes*², todo o património que a coroa possuía na vila da foz do Ave. José Augusto Ferreira³ alude à grande dinâmica da *Ribeirinha*, atribuindo-lhe a fundação de povoações em Vila do Conde entre as quais os lugares de Mata e Regufe, expandindo assim as suas rendas e prementos.

Passado quase um século, a posse de Vila do Conde está nas mãos de uma tetraneta de D. Sancho I e da *Ribeirinha*, de seu nome Teresa Martins. Esta desposara um filho ilegítimo do rei D. Dinis, D. Afonso Sanches, e o casal possuía na localidade um castelo⁴. Este filho do rei trovador, de acordo com o descrito na Memória dos Infantes⁵ era o seu preferido e não é pois de estranhar que *El Rey (...) no principio do ano seguinte (1318) acompanhado do Infante D. Afonso Sanches e de muitos outros Cavaleiros saiu de Lisboa a visitar o Corpo do Apóstolo Santiago em Compostela no reino da Galiza*⁶;

Regressando da peregrinação, o filho acolhe o pai nos seus domínios e *nesta Vila estava quando seu filho dotou o Mosteiro que nela fundava concorrendo El Rey com alguns favores e confirmando a escritura de dotação no próprio dia*⁷.

Refere ainda Frei Fernando da Soledade, que Afonso Sanches não deixara de se inspirar na obra de refundação de Santa Clara de Coimbra, que a rainha D. Isabel protagonizara. Um outro fator que contribuiu para a decisão de instituir um Mosteiro no território vila-condense, remete para o apelo divino, que à semelhança de outros casos ocorridos em território nacional, o casal fundador teria recebido e que o autor do título já referido regista: *Residiam neste tempo em seu Castelo de Vila do Conde, quando o mesmo Senhor foi servido mostrar-lhes por sonhos em três noites uma escada misteriosa, que do mesmo lugar subia ao Céu envolta em fumo aromático. E posto que a princípio aceitou cada um deles a representação, como cousa de sonho, vendo-a contudo continuada, e conferindo-a entre si entenderam ambos, pelo Céu ilustrados, que a Divina Graça por este meio os dispunha para o grande serviço que lhe fizeram na ereção do seu verdadeiro Real Mosteiro*⁸.

Assim o casal, *ambos devotos, tementes a Deus, poderosos e ricos, resolveram fundar um mosteiro, em cuja galilé repousassem seus corpos e as almas tivessem em seu favor perenes recomendações a Deus, durante o correr dos séculos, nas orações das santas reclusas*⁹. No entanto, Afonso Sanches não se tinha por homem santo e estabeleceu no seu testamento *edificar para si e sua mulher enterro*

fora da Igreja, dizendo que só para os Santos se devia dar sepultura dentro dos Templos¹⁰.

A 7 de maio de 1318, é lavrada a escritura de dotação e *entre outras cousas que o Fundador dispôs, foi que as Religiosas ali admitidas, seriam fidalgas pobres, e que professassem clausura, e por esta causa as dotava abundantissimamente para que não necessitassem de sair fora a peditório*¹¹. Seguiriam a Regra de Santa Clara e foram entregues ao Mosteiro pelos *Infantes os seus domínios e patrimónios da Vila da Póvoa do Varzim e todas as herdades de Touguinha, Verin, Terroso, Formariz, Nabais, Laúndos, Miracé, mais padroados das igrejas do Salvador da Ferveça, o de Santa Maria de Alcoentre*¹². Também D. Dinis foi generoso e entregou a mercê dos padroados das suas igrejas também a título perpétuo.

Assim dotado e destinado a donzelas de nobre sangue, *o mosteiro converteu-se, com o correr dos tempos numa espécie de suserania apenas relevando da coroa-quando desta não apelava para o Papa-invocando sempre o Padroado régio, para conservara a sua independência*¹³. Cada mosteiro ou convento afirmou-se no território nacional por diversos motivos, mas no caso presente Tomás Lino da Assunção é perentório: *em Vila do Conde, encontramos sempre a feição batalhadora, a arrogância das índoles fidalgas*¹⁴. Numa intensa vida de quase seis séculos, que termina com a morte da última monja em 1893, a casa religiosa viveu *demandas contra foreiros remissos, de negociações de prazo, de contratos de escambos, de constantes preocupações de administração de bens*¹⁵, tendo-se afirmado como um dos mais célebres e poderosos mosteiros do norte português.

O poderio económico e a cadeia de influentes relações que as irmãs clarissas entretociam, far-se-á sentir em várias ocasiões em Vila do Conde, como se regista documentalmente. Um dos aspetos mais evidentes da representação desse poder,

constitui-se no património que edificaram. Quando Frei Fernando da Soledade é instado a participar nas diligências de canonização dos Fundadores, a abadesa da casa de clarissas patrocinará a edição do livro que intitulou *Memória dos Infantes*, no qual refere: *o segundo ponto digno de observação é a grandeza do edifício material, e com especialidade a da Igreja, obra propriamente de quem desejava dedicar a Deus avultados obséquios. Mais parece templo de uma Catedral, que de um mosteiro de Religiosas*¹⁶. Pese embora algum exagero das palavras do franciscano, lembremos que, nesta altura, o templo já se vira enriquecido com a capela dos Fundadores e os seus majestosos túmulos, assim como já se tinha inaugurado o monumental aqueduto composto por 999 arcos de volta perfeita, que conduzia a água desde a Póvoa de Varzim numa extensão de 7 kms. A própria igreja fora dotada com o coro alto, com os caixotões do teto e também com o impressionante órgão, para além da prataria que ao longo dos séculos o Mosteiro adquiriu. Já andaria também em pensamento a grandiosa obra do novo edifício da Mosteiro, que ficaria inacabada e longe da magnificência com que fora projetada por Ventura Lobo. A entrada dos Franceses em território ibérico e as enormes mudanças políticas, económicas e sociais que advieram e que o século XIX irá protagonizar, haveriam de travar o sonho e ditar o fim do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde.

A obra dos *Dormitórios Novos* ficará inacabada e à data da promulgação do decreto que extingue as Ordens Religiosas em território nacional, a obra projetada tinha como elementos construídos a ala voltada ao rio e o refeitório, cuja inauguração acontecera a 19 de abril de 1801 e no qual se serviu *«um lauto jantar às freiras e mais oitocentos reis a cada uma»*¹⁷. O espaço de refeições, que estruturalmente manteve a mesma configuração, é iluminado por seis janelas e

está preparado para 80 comensais, as quais se podem distribuir por mesas de quatro ou de sete pessoas e tem como elemento decorativo mais expressivo um quadro representando *A Fuga para o Egípto*.

Os fundadores, no documento de instituição do Mosteiro, fixaram aspetos bastante práticos relacionados com a sobrevivência da comunidade religiosa, acautelando possíveis situações em tempo de escassez e de inflação dos preços dos géneros. Assim, estabeleceram no seu testamento que, em situação alguma, as religiosas dariam de comer a estranhos ao Mosteiro. Todavia, Lino de Assunção refere que na longa vida do Convento imperou a abundância e as clarissas eram generosas, havendo registos vários de ofertas de doces e outros mimos, assim como, a título de curiosidade, a despesa de 950 reis, realizada em fevereiro de 1592, soma gasta na aquisição de quinze lagostas que se ofereceram ao padre Comissário. Estavam também consignados os produtos e quantidades a serem entregues às irmãs para a sua subsistência, bem como para vestuário e higiene. A escritura de fundação refere o direito a comerem diariamente 4 pães de trigo, uma peixota fresca ou seca e a beberem uma canada de vinho. Desta dieta frugal, passou-se, ao longo dos anos, para uma alimentação mais diversificada e nos dias de festa, que também aumentaram, a composição das refeições foi cada vez mais rica e diversificada. Refira-se, a título de exemplo, o abadessado de D. Antónia de Alcáçovas (1697-1700), durante o qual se verifica grande generosidade e variedade. Durante a sua direção, e no que se refere a donativos, as monjas recebiam 600 reis na festa de Nossa Senhora da Conceição; 800 pelo S. João e 600 no Santíssimo Sacramento. *«Mais no domingo do Sacramento: leitão e uma malga desfeita; na festa de Santa Clara: dois arráteis e meio de vitela; na da Conceição:*

pão de Guimaraes, queijo, conserva do Brasil, caixinhas de tabaco; um cordão de seda em cada triénio; uvas, queijo, melaço e todas as variedades de frutos; pelo S. João um quarto de capão; pelo Advento: peixe e «caldos os melhores que se podiam achar não reparando em açúcar e leite» e no fim do triénio uma moeda de ouro a cada freira»¹⁸. Refere-se ainda na dieta conventual a presença de produtos como arroz, carneiro, coelho, Perú, tigelinhas e pastéis de Santa Clara, peixes variados, manteiga, azeite, entre outros.

A gastronomia, com particular incidência na doçaria, é um aspeto muito valorizado na vida conventual e a transposição dos receituários monacais para o património de cada uma das localidades e regiões de influência dos conventos e mosteiros assume-se como uma evidência incontornável. Oriundas de famílias abastadas, as jovens quando se recolhiam aos conventos transportavam consigo os conhecimentos de produtos e formas de confeção do seu meio familiar, que cultivavam enquanto professoras, desenvolvendo, frequentemente, receitas originais e mantidas em segredo ao longo dos tempos. Também Vila do Conde é herdeira de um significativo conjunto de produtos gastronómicos com origem no seu Mosteiro e perpetuados na memória coletiva, em cuja confeção figuram abundante açúcar, ovos, amêndoa enquanto base e a que se acrescentam outros como a farinha, o leite, a manteiga, aroma de citrinos, especiarias.

É indelével a marca do Mosteiro na vivência e no território Vila do Conde. O edifício conventual, cuja construção se iniciou no final do século XVIII, é uma iniciativa do abadessado de D. Luísa Gertrudes de Azevedo e ainda hoje continua a dominar a paisagem pelo seu posicionamento e volumetria, assim como o Aqueduto, impressionável pela sua extensão. Cremos também que a presença das clarissas influenciou o *gosto* vila-condense,

patente no edificado de boa fábrica, com destaque para o religioso.

Também na gênese da principal manifestação festiva local há reminiscências das monjas de Santa Clara. A grande festa de junho, traduzida no culto ancestral que as civilizações dedicaram ao sol e que o Cristianismo redirecionou para as celebrações aos santos populares, foi acarinhada e promovida pelas Freiras de Santa Clara. Os festejos a S. João, a quem se cantava na véspera e no dia, tinham o alto patrocínio da comunidade clarissa. Na véspera, as irmãs distribuíam à população, que acorria à portaria do Mosteiro, pão e doces com que se compunham as mesas no dia festivo e nesses mesmo dia, à tarde, o povo juntava-se do lado de fora da cerca do Mosteiro acompanhando a transposição da imagem do Santo que, em procissão, deixava a habitual morada na Igreja do Mosteiro para ser colocado na sua capelinha. Durante a passagem do cortejo havia cantares ao desafio entre as freiras e o «ranchos de raparigas» que, em descantes, celebravam S. João e que o cancionero popular ainda regista, evocando-se a propósito a quadra: «O vosso Grande Baptista/ É um santo bem querido, /visitou também as freiras/ por quem é estremecido.»

Presente na memória coletiva, pela proximidade cronológica, está a utilização do edifício como Reformatório de menores que, a partir de 1902, passa a acolher. Inacabado o edifício, semi arruinado, será morada de acolhimento de crianças e jovens que encontrarão nas suas paredes um teto e no qual aprenderão um ofício com que muitos conseguiram a integração na sociedade na idade adulta. Mais tarde, depois de uma profunda requalificação e acabamento ocorrido nos anos 30, já nos anos finais da segunda Guerra Mundial, a instituição será gerida pela Congregação Salesiana que abrirá algumas das suas atividades também

às crianças e jovens locais, instituindo o Oratório. Diversificam-se e incrementam-se os cursos de formação profissional, procurando um lugar no mundo do trabalho para os jovens que lhes foram confiados. Permanecem ainda vivas na memória coletiva, os passeios dos jovens da Escola Profissional de Santa Clara, que aos domingos percorriam as ruas da então vila em caminho para assistir aos jogos do Rio Ave futebol clube no Estádio da Avenida.

O Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde é um marco incontornável no património vila-condense, no domínio material, imaterial e na sua paisagem. No âmbito da evocação dos 700 anos da sua fundação, esta publicação pretende perpetuar este conjunto de olhares cristalizados nas imagens que evocam vivências, sentimentos e memórias.

Marta Miranda

Chefe da Divisão de Cultura, Turismo e Comunicação da Câmara Municipal de Vila do Conde

NOTAS

- 1 Monarchia Lusitana, p. 269.
- 2 Ferreira, José Augusto, p. 13.
- 3 Idem, p. 14.
- 4 P. 19, Memoria dos Infantes/
Frei Fernando da Soledade, 1726.
- 5 Memoria dos Infantes/ Frei Fernando
da Soledade, 1726.
- 6 P. 19, Memoria dos Infantes/
Frei Fernando da Soledade, 1726.
- 7 P. 19, Memoria dos Infantes/
Frei Fernando da Soledade, 1726.
- 8 P. 49.
- 9 Assunção, Tomás Lido de,
As últimas Freiras, p. 10.
- 10 Idem.
- 11 Monarchia Lusitana, p. 270.
- 12 Assunção, Tomás Lido de,
As últimas Freiras, p. 14.
- 13 Assunção, Tomás Lido de,
As últimas Freiras, p. 16.
- 14 Assunção, Tomás Lido de,
As últimas Freiras, p. 17.
- 15 Assunção, Tomás Lido de,
As últimas Freiras, p. 17.
- 16 Memoria dos Infantes/ Frei Fernando
da Soledade, 1726. p. 51.
- 17 Assunção, Tomás Lido de,
As últimas Freiras, p. 26.
- 18 Assunção, Tomás Lido de,
As últimas Freiras, p. 46.

PROJETOS

À Clara e aos Pássaros de Ferro

Eu te invento, ó realidade!

— Clarice Lispector

O Mosteiro de Santa Clara não cabe numa fotografia. Essa tarefa pertence ao domínio das estrelas que amarram o tempo nas suas constelações e nos ajudam a enfrentar a vastidão do mundo. Esta pequena coleção tropeça na falha da fotografia e traz à tona uma constelação de imagens que mesclam memórias e arquivos, tal qual apontamentos sobre a origem do Mosteiro.

«CLARA» é um micro-conto sobre as narrativas de Vila de Conde e resulta da combinação de imagens do Arquivo Municipal de Vila do Conde e do fotógrafo Adriano, do qual absorvi os seus modos de ver, embaralhei com imagens, tradições, cultos e memórias. Numa hibridiz expressiva com a pintura, a colagem e a apropriação, a fotografia circula num espaço delicado entre o documento e a ficção. E, essa mistura de confissão e disfarce em tom vernacular mostram uma fisicalidade tão agressiva quanto melancólica.

Na montagem destas imagens – como nas entrelinhas de um texto – pulsa uma ficção fragmentária. Elementos baseados em factos reais, a queda de um P-39 da Força Aérea dos Estados Unidos (1942), o desastre do Wellington (1943), os heróis pescadores, convidam-nos a entrar em histórias de drama e revelações.

Olhamos o Mosteiro tanto quanto somos observados por ele. Nesse jogo dialógico experienciamos o desalinho do campo fotográfico da sua *práxis* tradicional, a nossa própria noção de existência e transcendência.

Ao atentar contra o jogo especular das aparências procuro transgredir códigos, libertar a nossa percepção para uma aventura que visa uma apreensão mais complexa e delirante do mundo.

Esta série torna-se difusamente alegórica, confirmando a afirmação de Walter Benjamin que a «alegoria é único divertimento, de resto muito intenso, a que o melancólico se permite». Tudo o que é fotografado mostra-se então diferente de si mesmo e portanto capaz de evocar outra coisa-coisa íntima que só no mundo pode fazer-se presente. Com este sistema todas as constelações são possíveis numa luta contra o esquecimento, em nome de um espaço-tempo onde a magia da captura da realidade abre-se num encontro entre experiência, memória e contemplação.

Ângela Ferreira





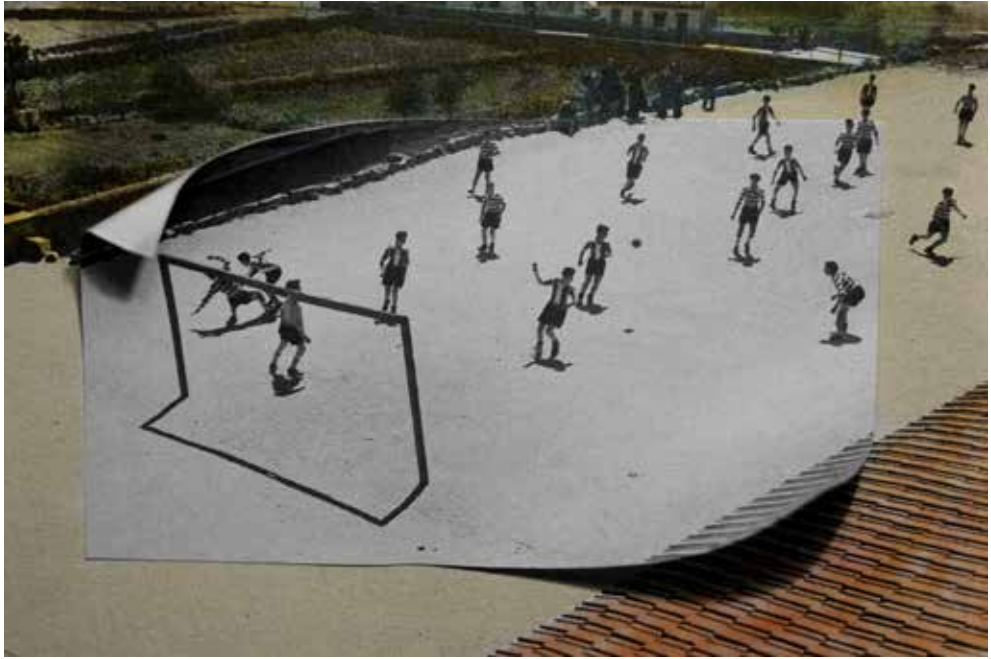




















Fotografei a Escola Profissional de Santa Clara (EPSC) em 1993, pouco depois de acabar o curso de fotografia. O edifício do Mosteiro de Santa Clara e a EPSC estavam na alçada do Ministério da Justiça, a gestão era assegurada pela ordem Salesiana.

Era muito forte o desejo de fotografar, meter as mãos nas máquinas e nos químicos. O documentarismo humanista, praticado pelos fotógrafos da Agência Magnum com filme de 35 mm a preto e branco, ainda exercia uma grande influência na minha forma de ver e trabalhar. Procurei fazer um ensaio documental sobre a vida no interior do mosteiro, aproximado-me o suficiente para ver alguma coisa para lá do que se conhecia, mas não demasiado que me fizesse perder o sentido de enquadramento na paisagem urbana e social da cidade de Vila do Conde.

Os rapazes nestas fotografias eram utentes da escola e habitantes do mosteiro. Encontravam-se ali porque as suas vidas tinham complicações e dramas violentos. Conheci alguns deles pelo nome mas lamentavelmente não tive o cuidado de os anotar, espero que se encontrem bem hoje, nos seus trinta e tal anos.

Estas imagens revelam o momento em que se chegou a um entendimento e confiança mútua, que permitiu desenvolver uma experiência que por um lado retém a aparência e juventude dos rapazes, por outro evidencia uma construção deliberada de retratos com uma determinada pose.

O tempo de registar estas 39 fotografias no Ilford HP5 Plus, foi de libertação por fazer algo que não tinha como ambição produzir

qualquer representação realista da vivência destas pessoas. Lembro-me de querer muito capturar a luz que se projetava e as sombras que se subtraíam de uma daquelas enormes janelas gradeadas, moldando os rostos e revelando a sua diversidade de formas, só para ver mais tarde como as fotografias a preto e branco transformam e dão a ver o que se fotografa.

O tempo também é um *punctum* como nos esclarece a historiadora Maria do Carmo Serén na sua leitura da *Câmara Clara* de Barthes. Por isso, mesmo que outras fotografias tenham sido feitas naquele local, os instantes extraídos daquele tempo permanecem diferentes de todos os outros.

Uma seleção das fotografias do ensaio sobre a EPSC foram publicadas num livro de autor e uma exposição em 1994, a que chamamos *Oratório*, evocando uma iniciativa dos padres Salesianos com esse mesmo nome, que no passado reunia os rapazes da *correção* com os da cidade, em atividades religiosas e desportivas.

Estes retratos nunca foram publicados, mas tal como outras fotografias no meu arquivo de negativos e de memórias, não param de reclamar a sua visibilidade, lembrando-me que o tecido do tempo faz com que as fotografias nos toquem cada vez mais.

Cesário Alves















Sem Título

A relação que tenho com o Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde remonta aos verões da minha infância. Naqueles meses de Agosto, nas viagens diárias de Vila das Aves (a terra onde cresci) para a praia na Póvoa de Varzim, o caminho percorrido implicava a entrada em Vila do Conde pela ponte sobre o Ave. A imponência do edifício com que nos deparávamos à direita da ponte impressionava-me ao mesmo tempo que me intrigava. Desconhia a sua função e sempre que questionava alguém, a resposta era inconclusiva. A única informação objetiva era a de que o rio que passa a sul deste edifício, passa também em Vila das Aves, pelo lado norte.

Mais tarde percebi que o Mosteiro acolhia uma escola de *correção*/formação profissional (Reformatório de Vila do Conde/Centro Educativo de Santa Clara) que entretanto deixou de funcionar nas instalações. A partir do momento em que a escola deixou de ocupar o edifício (início do século XXI), ele foi alvo de ocupações ilegais que levaram à degradação do seu interior.

No dia 7 de março de 2018 entrei pela primeira vez no Mosteiro.

Neste momento, decorridos vários anos de inatividade, o Mosteiro de Santa Clara aparenta estar num impasse: não pode ser reconhecido como monumento histórico de interesse público pelas intervenções recentes que foram lá realizadas e a recuperação do interior implica obras de tal forma profundas que as verbas envolvidas serão proibitivas.

Parecendo claro que existe uma dificuldade com a atribuição de uma função para este

edifício, pretende-se com este trabalho fotográfico assumir uma posição interventiva que contribua com uma *solução* para este problema. Ao omitir o edifício na imagem, pretende-se também confrontar o público com o impacto que o desaparecimento do Mosteiro poderia ter na paisagem vila-condense.

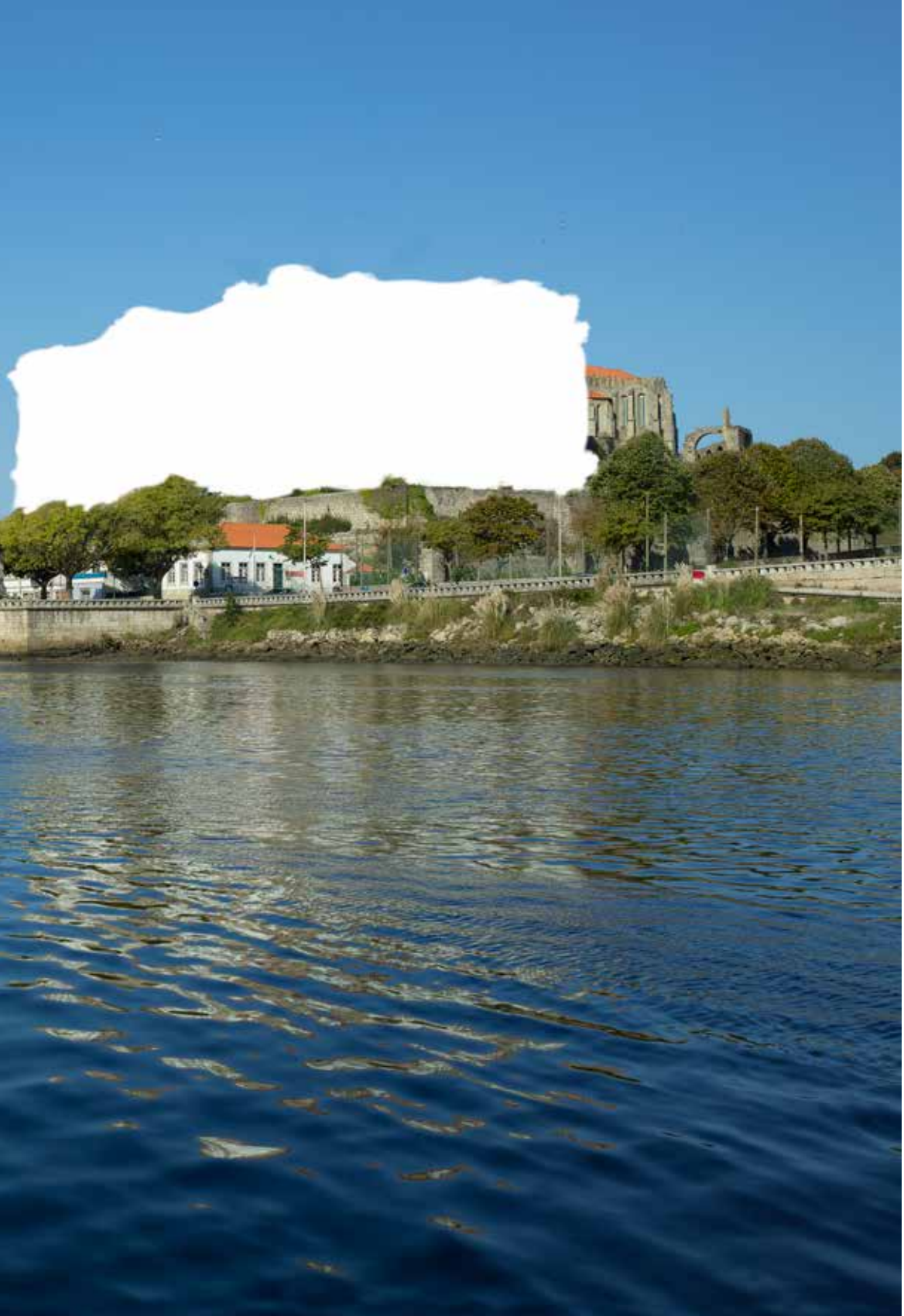
Desde a execução deste projeto, a situação alterou-se. Neste momento o mosteiro está concessionado à Slicedays que lá instalará uma unidade hoteleira.

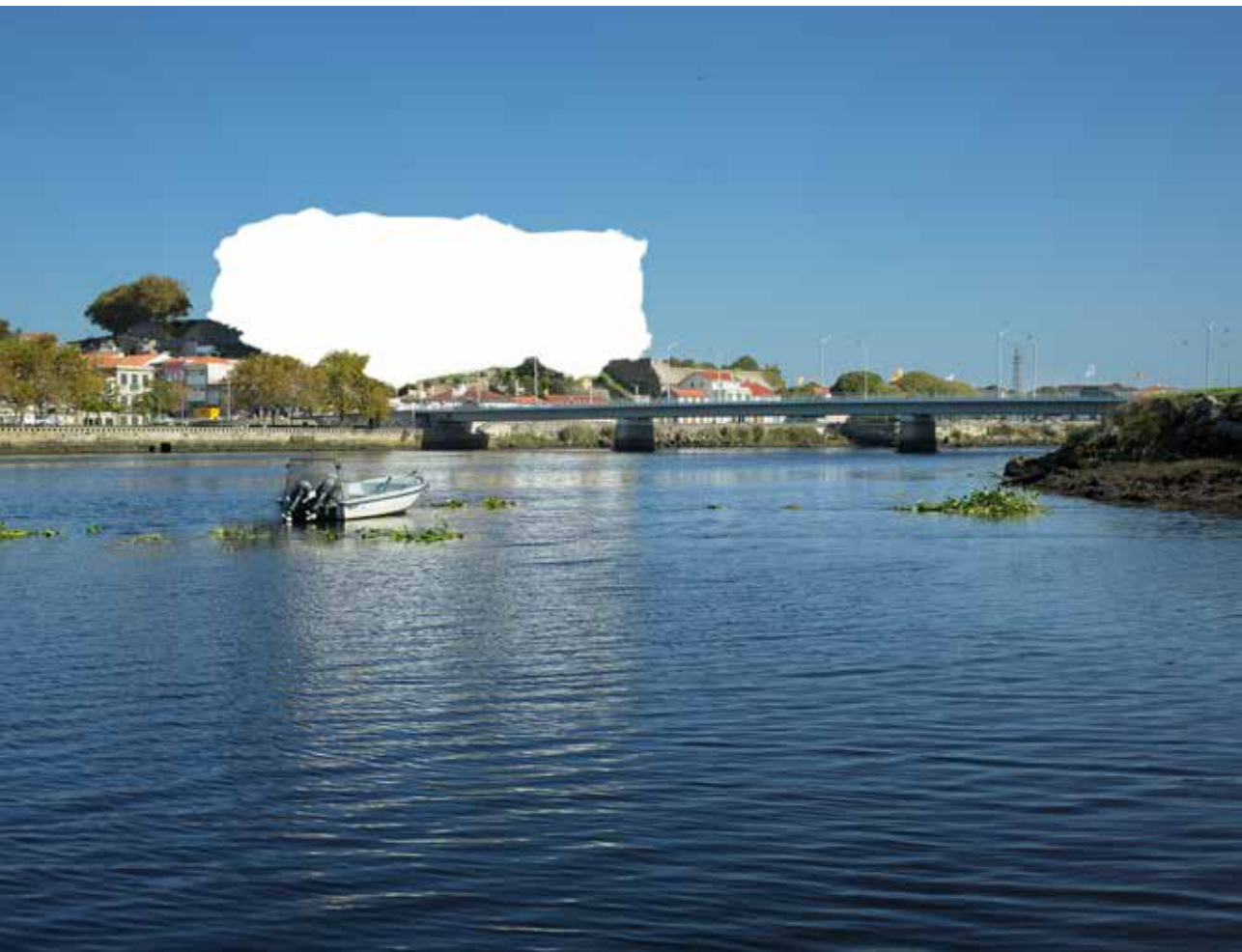
João Leal











Janelas da vida

O Mosteiro de Santa Clara é composto por uma enorme variedade de janelas que teriam, na sua época, um significado muito especial para as Clarissas, através delas contemplavam o quotidiano da cidade e sonhavam com o futuro.

Estas janelas não passam despercebidas a quem as contempla, pois, as mesmas são capazes de transmitir emoções diversas a quem as vê, entre elas carregam séculos de emoções, sentimentos, acontecimentos e sensações. As janelas do convento contam a história de Vila do Conde.

A *rosácea* no interior do *Coro Moro* permitia às Clarissas, nos seus momentos de oração, contemplar os raios de luz como se fossem as *janelas da vida*.

O imponente e extenso aqueduto com os seus arcos, assim como o chafariz e algumas fontes no seu exterior, comprovam a grandiosidade e a riqueza do convento.

O simbolismo da fonte, ainda existente no exterior do Mosteiro, era o local predileto de muitos casais de namorados que tentavam a sua sorte ao lançar a *pedrinha* para definirem o seu futuro, caso não conseguissem teriam que esperar pelo próximo ano.

Joaquim Garrido











Um olhar documental

Ao longo dos anos o Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, sofreu várias intervenções de conservação. Com o trabalho apresentado, pretendo documentar, mostrar e eternizar a última reparação.

Joaquim Gomes













Copy, paste... decades later

Contributo para a análise da paisagem urbana
de Vila do Conde tendo por referência
o Mosteiro de Santa Clara

Convento de Santa Clara
Que vulto fazes no ar,
Que aos marinheiros no mar
Deitas o 'pelo sinal'!
— José Régio

As duplas imagens apresentam a evolução
urbana da cidade tendo sempre como marco
referencial o Mosteiro de Santa Clara.

Pretende-se que «a imagem talvez seja,
afinal, apenas a expressão da coincidência (da
simultaneidade) da ideia com a sensação.»
(...) «saberão os fotógrafos (espalhados pelo
mundo) que o seu é um trabalho cúmplice da
melancolia?» Almeida, B. P. (1995). *Imagem
da Fotografia*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Eu confirmo!

José Pedro Martins









VILA DO CONDE - Igreja e fachada poente do Convento de Santa Clara







VILLA DO CONDE -- Campo da Feira e edifício principal da Escola Euzébio, feita com a cerâmica

389. -- Portugal





Sem Título

A imagem da cidade é indissociável da figura do seu Mosteiro. Do peso histórico à volumetria, a sua presença é ainda reforçada pelo pontuar do aqueduto no território.

É perceptível, através da representação do seu espaço interior, a acumulação de detalhes e de indistintas camadas de informação. Estas superfícies de elementos temporais, assumem características expressionistas desprovidas de qualquer tipo de informação social ou histórica, permitindo especular sobre a sua sucessiva ocupação.

As fotografias intentam inquirir sobre o seu sentido, questionar a sua funcionalidade e sublinhar o carácter deste lugar num intervalo de tempo concreto.

Sérgio Rolando













BIOGRAFIAS

Ângela Ferreira
(1975, Porto, Portugal)

Ângela Ferreira é artista, curadora e investigadora com o Doutoramento em Comunicação Visual e Expressão Plástica, pela Escola de Educação da Universidade do Minho de Braga e mestre em Multimédia e Novas Tecnologias, pela Utrecht School of Arts, Holanda. É curadora independente de projetos culturais em Portugal e na América Latina e publicou obras de Fotografia e Texto sobre a Índia portuguesa e sobre os Retratos Pintados do Brasil. É co-Fundadora do Festival português de Braga, tendo sido diretora e curadora das exposições nele integradas na última década. É professora adjunta convidada na Escola Superior de Media Artes e Design do P.PORTO em Portugal e atua no domínio de investigação sobre as formas híbridas da fotografia.

Cesário Alves
(1971, Vila do Conde, Portugal)

Doutoramento (PHD) no College of Arts Humanities and Education, da University of Derby, no Reino Unido (investigação no campo da fotografia vernacular e as suas apropriações na arte contemporânea), 2018. Mestrado em Fotografia na School of Art & Design da University of Derby, no Reino Unido, 2001. Formação artística avançada na Aula do Risco em Lisboa, 1994. Curso de Fotografia da Escola Superior Artística do Porto, 1992. Leciona fotografia nos cursos da Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto, em Vila do Conde.

João Leal

(1977, Porto, Portugal)

Autor e professor. Participa em exposições individuais e colectivas desde 2001. Desenvolve trabalhos utilizando imagens em movimento, estáticas e som que se apresentam no formato de exposição, projeção e instalação. Enquanto artista tem como principais interesses as ideias de «estrutura» (e as suas várias conotações), a dicotomia «proximidade/distância» e as formas de ocupação do espaço expositivo. Em 2005 venceu, *ex-aequo*, o Prémio Pedro Miguel Frade, do Centro Português de Fotografia, com o trabalho *Night Order*. Doutorando na University of South Wales com ligação ao European Centre for Documentary Research. Tem uma licenciatura em Tecnologia da Comunicação Audiovisual, com especialização em fotografia. Foi colaborador de várias instituições (TNSJ, TNDM II, RTP, Casa da Música). Atualmente é docente no Departamento de Artes da Imagem da ESMAD, P.PORTO.

Joaquim Garrido

(1961, Vila do Conde, Portugal)

Fotógrafo amador. Fotografa regularmente desde 2017. Esteve presente em diversas exposições, das quais destaca: Tapetes de Flores 2017, Centro de Memória de Vila do Conde; Porto de Leixões 7.^a edição 2018, Terminal de Cruzeiros do Porto de Leixões; 27.º Concurso de Fotografia FNA 2018, Teatro Municipal de Vila do Conde; 2.^a Expedição Fotográfica Guimarães 2018, Galeria de Arte da SMS Guimarães. Possui trabalho publicado nas plataformas: Revista Eye Photo Magazine; Olhares.pt; Vivian Maier Inspired Gallery; The World Wide Stret Photography.

Joaquim Gomes
(1958, Vila do Conde, Portugal)

Iniciou a sua atividade profissional em 1971 no departamento de planeamento têxtil na fábrica Narfil, sediada em Vila do Conde. Sendo um apaixonado pela fotografia, em 1997 frequenta um curso de conservação e restauro de documentos fotográficos e fotografia documental durante três anos com estágio no antigo Arquivo Nacional em Lisboa, com participações na fotografia de vários catálogos e exposições a nível nacional. Desde 2000 que trabalha na Câmara Municipal de Vila do Conde na área da fotografia, ao nível da conservação, restauro e documentação fotográfica.

José Pedro Martins
(1961, S. João da Madeira, Portugal)

Fotógrafo e professor. A influência do seu pai, um apaixonado pela arte, foi determinante para o início da sua atividade como fotógrafo em 1981. Participa regularmente exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro. É autor premiado em inúmeros certames de fotografia e editado em alguns livros da especialidade, entre outras publicações. Autor e editor em 2005 do livro de fotografia *O Perfume da Tradição*. Responsável pela criação, desenvolvimento e atualização do projeto fotográfico *Acrobatic Project* e do blog *4 Fotografias+1 Texto*. Atualmente é fotógrafo do Teatro Municipal de Vila do Conde, da LFA – Lafontana – Formas Animadas | Companhia de Teatro, da Companhia Coração nas Mãos. Responsável pela organização do FotoVC, ciclo anual de exposições de fotografia que se realiza na cidade de Vila do Conde desde 2018.

Sérgio Rolando

(1978, Porto, Portugal)

Vive no Porto, onde trabalha como fotógrafo e como docente na ESMAD.

Estudou fotografia no IPF, licenciou-se em Tecnologia de Comunicação Audiovisual e possui Mestrado em Fotografia e Cinema Documental pela ESMAE.

Foi Bolseiro de Pépinières Européennes pour jeunes artists (2003) e Instituto Camões (2015/2016).

Expõe regularmente em Portugal e no estrangeiro, possuindo diverso trabalho publicado.

EDIÇÃO
uniMAD
Escola Superior de Media Artes e Design
Instituto Politécnico do Porto
Câmara Municipal de Vila do Conde

COORDENAÇÃO E PREFÁCIO
Luís Filipe Ribeiro

TEXTOS
Maria Elisa Ferraz
Marta Miranda
Olívia Marques da Silva

FOTOGRAFIAS
Ângela Ferreira
Cesário Alves
João Leal
Joaquim Garrido
Joaquim Gomes
José Pedro Martins
Sérgio Rolando

DESIGN
Vitor Quelhas

MARMOREADO
Rita Correia

IMPRESSÃO
Multitema

DEPÓSITO LEGAL
456480/19

ISBN
978-989-99899-5-5

TIRAGEM
500 exemplares

LOCAL E DATA
Vila do Conde, 2019

www.esmad.ipp.pt



